

ECOLALIAS – A LÍNGUA COMO ESQUECIMENTO

Fabio Akcelrud DURÃO*

HELLER-ROAZEN, Daniel. **Ecolalias**: sobre o esquecimento das línguas. Tradução de Fabio A. Durão. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010.¹

A ascensão da teoria nos estudos literários tem sido um fenômeno contraditório. Se por um lado ela levou a uma sofisticação, por vezes notável, do aparato conceitual utilizado nas análises de texto, por outro, a separação crescente entre tecnologia interpretativa e matéria bruta ficcional facilitou a prática da aplicação, que tende a fazer da obra um fantoche de ideias pré-fabricadas. É da natureza da literatura acolher, ao menos parcial e incompletamente, aquilo que se predica sobre ela, e não é difícil estabelecer ligações fracas de qualquer coisa com qualquer coisa.² No limite, desaparece no objeto qualquer traço de singularidade, qualquer característica que justificasse o nome próprio da obra, seu título.

O interesse de *Ecolalias*, de Daniel Heller-Roazen (2010), reside precisamente nisto, em sua capacidade, mais do que de falar de dentro, de *produzir* aquilo que descreve. O livro é composto de 21 capítulos autônomos, e desprovido de qualquer tipo de introdução ou conclusão.³ A ausência de uma instância reflexiva superior já foi motivo de crítica, por uma suposta “falta de teorização” e de “pesquisa genuína”⁴; ela é no entanto adequada para um livro que tem como centro a relação constitutiva entre língua e esquecimento. Abordar esse tema de frente, submetê-lo a uma démarche investigativa de provas e contra-provas, faria com que o livro entrasse em uma contradição performativa, armando-se de luz para descrever a escuridão. Isso não quer dizer que não haja ordem, e uma leitura com um mínimo

* UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem – Departamento de Teoria Literária. Campinas – SP – Brasil. 13083-859 – fadurao@yahoo.com

¹ Ranger, G. Review of *Echolalias*. **Cercles**: Revue Pluridisciplinaire du Monde Anglophone, Mont-Saint-Aignan, v.18, 2006. Artigo online sem paginação.

² É interessante notar aqui o deslocamento do ato associativo de pouca produtividade, pois antes ele não se dava entre texto e teoria, mas entre as próprias obras, por meio de um comparativismo inócuo.

³ Vale notar que o autor declinou o convite de escrever um prefácio para a edição brasileira.

⁴ Como diz o resenhista em sua conclusão: “Há pouco que possa ser qualificado como pesquisa genuína em *Ecolalias*. [...] [O livro] não contém em si a crítica sob a forma de um argumento de fôlego, e com bastante frequência adornos retóricos [...] substituem a pesquisa cuidadosa e a demonstração científica que seria de se esperar.”

de imaginação não encontra dificuldades para organizar o texto em uma clara progressão narrativa.

O livro começa como se fosse de linguística, lidando em seu primeiro capítulo com a aquisição da linguagem. Se o bebê é um virtuoso absoluto da articulação de fonemas, produzindo combinações de sons que nem os políglotas mais desenvolvidos são capazes de emular, sua inserção na língua faz com que se esqueça, não apenas dos fonemas de outros idiomas, mas daquele mesmo que está aprendendo. No entanto, isso não quer dizer (cap.2) que não haja na língua uma abertura para outras: certas exclamações e as onomatopéias trazem em si sons anômalos, que não pertencem ao sistema fonético do idioma. O mesmo se dá na imitação de uma língua por outra, que gera fones ausentes em ambas. Outro tipo de fala, é tratado em seguida (cap.3), em relação à mais complicada letra existente, o Aleph do hebraico. Aqui se explica o processo pelo qual, nas exegeses da cena da entrega da Torá aos judeus, a voz divina vai se restringindo e acaba por ser representada por esse o grafema silencioso. Mas não é só o hebraico que possui letras que se vê e não se fala: o “e” no francês (cap.4) é também bastante problemático, uma vez que a regularidade de sua pronúncia não pode ser determinada gramaticalmente. Uma letra morta, apenas no verso é possível determinar os casos de sua existência necessária em som, e com isso a poesia converte-se em guardião de um esquecimento presente. Algo semelhante acontece com o “h” (cap.5), a marca de um sopro, o mais tênue dos fonemas. As polêmicas que acompanharam a letra após o desaparecimento de seu som quase inaudível, as reformas ortográficas que o baniram e o fizeram retornar, são vistas como o próprio respirar da língua. E se esse é o caso, o que dizer do exílio, não mais de um grafema, mas de uma língua inteira, o hebraico (cap.6), que teve sua era de ouro poética justamente na Espanha islâmica, “[...] no momento em que os escritores da língua deixaram sua terra natal sair completamente de vista [...]”? (HELLER-ROAZEN, 2010, p.45).

A implicação, necessária e inescapável, entre língua e esquecimento permite que as metáforas de descrição linguística apareçam como tais. Esse é o caso da imagem da “morte” de um idioma (cap.7 e 8), uma noção absolutamente inapropriada dada a distância entre aquilo que é a língua e o mundo da biologia. Porém, seria igualmente equivocado acreditar que uma metáfora inorgânica (cap.9) seria capaz de dar conta desse ser tão inerentemente mutante. A semântica mineral e seus estratos também é inadequada, e a ideia de estratos linguísticos mostra ser, em final de análise, insuficiente. A constância dos idiomas dar-se-ia, pelo contrário, por meio de uma mudança incessante e irrefreável de suas camadas geológicas (cap.10). Tal mudança, no entanto, necessita de aparatos descritivos próprios, dispositivos que combinem discernimento técnico e impulso imaginativo. Esse é o caso do asterisco, que é interpretado (cap. 11 e 12) em seus dois grandes usos linguísticos, na reconstituição do indo-europeu e na gramática gerativa. Em ambos

os casos, a forma marcada, seja em sua natureza necessariamente hipotética ou caráter necessariamente inexistente, é condição de possibilidade para a elaboração teórica e o rigor formal.

Nessa altura, o livro abandona a linguística e adentra a crítica literária. Na história de Io (cap.13), das *Metamorfoses*, de Ovídio, encontra-se um exemplo adequado, pois “a metamorfose seria o meio de existência de todo idioma, e cada palavra, no fim, seria feita de letras traçadas na areia pelo casco de uma ninfa que não mais existe.” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.108). O próximo capítulo (14) mistura Al-Jāhiz, um dos maiores escritores da tradição árabe clássica, Jakobson, Freud e Kafka para descrever a relação entre esquecimento e fala, pois aqueles que se lembram sempre, que não conseguem fazer algo de menos, tendem ao silêncio. A produtividade da falta é mostrada em seguida (cap.15) por meio de dois casos de aglossostomagrafia – ocorrências nas quais as funções da língua ausente são desempenhadas por outros órgãos da boca – e seu contrário, em “Os fatos no caso do senhor Valdemar”, de Edgar Allen Poe, quando a fala não acontece em um corpo sem língua, mas em uma língua sem corpo.

Se “língua” é assim uma imagem insuficiente para nomear o idioma, o mesmo acontece com o adjetivo “materna”. Isso fica claro (cap. 16) nas memórias de Elias Canetti, em particular nas aulas de alemão com a mãe, que tão bem mostram a complexidade do conceito. E o caso oposto, da esquizofonética, é igualmente elucidador (cap. 17). Se para Canetti a língua germânica era o meio de se aproximar da mãe, para Louis Wolfson, a língua desta, o inglês, era aquilo que deveria ser ao máximo evitado. Para tanto, desenvolveu um método de conversão imediata desse idioma em qualquer outro, algo que – como já era de se esperar a essa altura do livro – só aumentava a força daquilo de que se queria fugir. A mesma lógica está presente, porém com valor inverso, no menor capítulo do livro (18), que conta a história do escritor árabe clássico Abū Nāwas. Ao pedir permissão ao grande mestre Ibn Manzūr para escrever poesia, recebe como condição a memorização de mil passagens de versos antigos; ao voltar, depois de muito tempo, com todos eles decorados, depara-se com a tarefa de esquecê-los, para poder ser poeta. Somente após esse trabalho – mais demorado que o anterior – recebe autorização para compor versos. Porém como é possível certificar-se de se ter lembrado de esquecer? E como agir no caso do poeta no conto de Tommaso Landolfi, “Dialogo dei massimi sistemi” (cap.19) que, após aprender o que cria ser o persa, e escrever três poemas nesse idioma, descobre que a língua não existe, que não se assemelha a rigorosamente nenhuma outra?

Um último par de opostos encerra o livro, aproximando-o, por fim ao campo da teologia. O capítulo 20 discute *A Epístola do Perdão*, do grande escritor sírio Abū Al-‘Alā’ Al-Ma’arrī, um importante precursor de Dante. Após chegar ao Paraíso, o protagonista da história, o poeta, outrora pecador mas agora aparentemente contrito,

Ibn Al-Qārih inquire os habitantes do Inferno e da morada celestial. Percebe então que os primeiros dispõem-se de bom grado discutir longamente seus feitos literários, enquanto os últimos, dentre os quais se encontram os mais importantes gramáticos e escritores, assim como o próprio Adão, são incapazes de sequer reconhecer seu monumental legado – pois o que é a literatura diante dos prazeres infáveis dos céus? A impossibilidade de se esquecer faz com que, para Ibn Al-Qārih, a vida paradisíaca tenha algo de infernal. E, no entanto, ele ao menos teria a consciência de seu estado decaído; no caso da exegese da Torre de Babel (cap.21), a punição seria ainda mais extrema. Segundo o rabino Yo’hanan, um terço da torre teria sido queimado, um terço soterrado, e um terço ainda estaria de pé. Portanto, viveríamos, todos nós, nos escombros invisíveis da construção persistente, “entregues eternamente à confusão das línguas, em obstinado esquecimento.” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.192).

Há ao menos dois elementos que fazem de *Ecolalias* um livro notável. Em primeiro lugar, sua ideia principal, a respeito da produtividade do esquecimento e da inevitabilidade da mudança, possui implicações óbvias para toda a gama de discursos identitários e defesas de minorias, incluindo todas as preocupações de “preservação” cultural. Diante das incessantes transformações da língua, aquilo que se vê como traços constantes de subjetividade ou da experiência de grupo são na realidade uma ficção e como tal devem ser tratados. Em segundo lugar, no que concerne à metodologia do estudo, ele inverte a relação entre teoria e literatura: a primeira é vista em sua materialidade, como objeto de interrogação; a última, como fonte de conceitos. Eis aqui um exemplo de investigação que merece ser seguido, com muitas metamorfoses.

